

O PRESIDENTE NEGRO? UMA DISCUSSÃO RACIAL E POLÍTICA A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE NILO PEÇANHA EM O MALHO (1909 – 1910)

THE BLACK PRESIDENT? A RACIAL AND POLITICAL DISCUSSION FROM THE CONSTRUCTION OF THE IMAGE OF NILO PEÇANHA IN O MALHO (1909 – 1910)

Fábio Genésio dos Santos Maria¹

1. Graduado em História e Pedagogia pela Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP; Especialista em História, Cultura e Poder pela mesma universidade e Mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru.
Endereço eletrônico: fabiogenio18@gmail.com.

Texto elaborado sob a orientação do Prof. Leonardo Dallacqua de Carvalho.

Recebido em: 19/03/2019
Aceito em: 03/05/2019

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

RESUMO

O presente trabalho visa discutir a questão racial e política a partir da construção da imagem do presidente Nilo Peçanha. Para tal, foi analisada a revista *O Malho*, publicada durante os anos de 1909 e 1910, bem como foi feito um levantamento bibliográfico referente ao tema. Durante o estudo foi possível perceber que a questão racial do presidente foi ocultada pela revista, o que nos levou a realizar um estudo bibliográfico referente aos estudos raciais e à ideologia de branqueamento. Após as análises foi possível concluir que o preconceito racial no Brasil não se restringe apenas à cor da pele, mas leva em consideração os fatores sociais e econômicos do indivíduo.

Palavras-chave: Ideologia de branqueamento. Nilo Peçanha. *O Malho*.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the racial and political issue from the construction of the image of President Nilo Peçanha. For that, the magazine *O Malho*, published during the years 1909 and 1910, was analyzed, as well as a bibliographical survey was made regarding the theme. During the study, it was possible to perceive that the president's racial question was concealed by the magazine, which led us to carry out a bibliographic study regarding racial studies and the ideology of bleaching. After the analysis, it was possible to conclude that racial prejudice in Brazil is not restricted only to skin color, but it takes into account the social and economic factors of the individual.

Keywords: Ideology of bleaching. Nilo Peçanha. *O Malho*.

INTRODUÇÃO

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2015, 54% da população brasileira se auto-declarava parda ou preta. Desses 45, 1% se autodeclarava parda e 8, 9% preta. Apesar disso, o Brasil ainda é vitimado por práticas racistas fundamentadas em teorias científicas superadas. Exemplo disso é o caso do deputado Laerte Bessa. Segundo o jornal *Correio Braziliense*, em matéria do dia 22 de julho de 2015, o parlamentar teria dito em entrevista ao jornal britânico *The Guardian* que “chegaremos a um estágio em que será possível determinar se a criança no útero tem tendências criminosas” e sugere que nesses casos a “mãe não será autorizada a dar à luz”.

Os estudos antropológicos e de eugenia sobre as raças ocorridos durante os séculos XIX e XX buscaram entender as diversas características humanas. Skidmore (1976, p. 65) menciona que foi por volta de 1860 que as teorias racistas obtiveram “o beneplácito da ciência e plena aceitação por parte dos líderes políticos e culturais dos Estados Unidos e da Europa”.

Ainda segundo o mesmo autor (1976, p. 65), no decorrer do século XIX surgiram três escolas principais de teoria racista. A primeira foi a escola etnológico-biológica que, de acordo com o autor, buscava sustentar a criação de raças por meio das mutações diferentes das espécies. A segunda foi a escola histórica, os pensadores

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

dessa escola acreditavam que as raças humanas poderiam ser diferenciadas umas das outras, sendo a branca superior a todas. A terceira escola foi o darwinismo social, seus pensadores com base nos estudos de Darwin, defendiam um processo evolutivo que começava com uma única espécie (SKIDMORE, 1976, p. 66 - 67).

Nesse sentido, a própria ciência legitimava a existência de hierarquias raciais entre os seres humanos. Segundo essa lógica, havia “tipos humanos superiores e inferiores”. Este foi um dos argumentos que deu suporte, por exemplo, à escravidão dos “tipos humanos” considerados “inferiores” como negros, índios e imigrantes.

Este argumento também justifica parte do imperialismo dos europeus, à medida que se consideravam detentores de uma cultura material e intelectual superior. Desta forma, era justificado que os povos ditos “inferiores” fossem escravizados como mão de obra e perdessem toda a sua subjetividade como seres humanos. Esses estudos também irão influenciar no Brasil.

Com os estudos sobre raça, surge no Brasil a ideologia do branqueamento, que tinha como fundamento “embranquecer” a população brasileira. Essa ideologia serviu de discurso para parte da elite brasileira justificar as desigualdades existentes no país. De acordo com Skidmore (1976, p. 81), “a tese de branqueamento baseava-se na presunção da superioridade branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos raças ‘mais adiantadas’ e ‘menos adiantadas’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata”. Segundo Hofbauer (2003), a ideologia de branqueamento:

Serviu como uma saída ideológica para este momento crítico de transformações na política e na economia. Serviu também à elite política e econômica do país como argumento para promover uma grande campanha de “importação” de mão-de-obra branca europeia [...] (HOFBAUER, 2003, p. 68-69).

É nesse contexto que assume a presidência da República Nilo Peçanha. Político advindo de família conhecida do Rio de Janeiro e mulato. Nilo descendia de ilustre família política, tendo em sua linhagem três governadores na época da colônia e três na República.

Pensando na relação entre a ideologia do branqueamento e a ascensão de um presidente mulato no país, o presente trabalho busca analisar as relações raciais entre 1909 e 1910. Para esta finalidade, será utilizada a revista *O Malho* como fonte.

A Revista O Malho

A revista *O Malho* foi um periódico ilustrado que circulou no Rio de Janeiro durante os anos de 1902 e 1954. Entre seus conteúdos, era possível encontrar imagens satíricas da vida pública e privada brasileira. Segundo Silva (2014, p.17), “o periódico possuía um caráter eminentemente político e humorístico, o qual se fazia presente tanto em suas crônicas como nas imagens, com a forte participação das charges”. Desta forma, ao realizar a análise deste periódico é impossível desvincular suas charges e caricaturas, o que tende a contribuir com nosso trabalho.

De acordo com Gantús (2012)

Las imágenes son documentos que nos permiten entender el contexto social que las produjo, son protagonistas en sí mismas, esto es, son creadoras de realidades – y no simplemente la consecuencia de algo o el reflejo del mundo que las origina –, y son fuente de legitimación del ejercicio del poder (GANTÚS, 2012, p. 75).

Considerando o que foi exposto pela autora, alguns cuidados ao analisar esse tipo de fonte são necessários. Quem as produziu? Qual o contexto? Qual a mensagem que transmite? São perguntas que devem ser feitas ao estudar imagens. Ainda segundo a autora:

[...] cuando usamos una imagen como fuente es necesario considerar tanto la intención que motivó su producción, misma que puede responder a los intereses de una persona (el autor) o de un grupo, así como a las condiciones del contexto en que fue generada. Igualmente, es necesario reparar en que el testimonio visual es importante en la medida en la que nos permite conocer, captar y entender la época que lo produjo, esto es, en la medida en que transmite los valores, los hábitos, los prejuicios y los consensos, las ideologías dominantes o minoritarias, los discursos oficiales o contestatarios, ya sean individuales o colectivos, pero también es necesario tener presente que en un tiempo y un espacio delimitado pueden convivir, y conviven, varios imaginarios (GANTÚS, 2012, p. 75-76).

O início do século XX foi marcado pelo crescimento das revistas semanais ilustradas que traziam em suas páginas imagens e fotografias. Isso se deu pelo aperfeiçoamento tecnológico ocorrido nas oficinas gráficas da imprensa brasileira. De acordo com Silva (2014, p. 11), essa passagem do século XIX para o XX ficou marcada pela introdução da zincografia como processo gráfico, substituindo a litografia e o velho esfuminho de sebo que marcaram o traço da charge na Monarquia. Predominava nas páginas das revistas ilustradas o desenho ligeiro, de apreensão rápida.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

Segundo Saliba (2002, p. 39) a proliferação das revistas semanais também se deu pelo fato de os jornais começarem a tomar um aspecto mais “jornalístico e menos mundano”, visto que anteriormente os jornais retratam no rodapé de suas páginas charges e histórias cômicas que jogavam com o suspense e com a surpresa. Cabe ressaltar que ao se desvincular do jornal a revista ilustrada ganha uma estrutura semi-empresarial. Segundo o mesmo autor:

Embora as fontes sejam omissas a respeito da estrutura das editoras desses primeiros periódicos, é necessário levar em consideração o fato óbvio de que a maioria das publicações periódicas, embora não tivesse uma estrutura empresarial estável e dependesse ainda de um mecenato difuso, era produzida com o objetivo de conquistar leitores e ser, afinal, lucrativa (SALIBA, 2002 p. 41).

É neste período que surge a revista ilustrada *O Malho*. O periódico ilustrado teve como seu fundador e diretor Luís Bartolomeu de Souza e Silva que já tinha sob seu comando o jornal carioca *A Tribuna* e como diretor artístico o francês Crispim do Amaral. Crispim era caricaturista e chegou ao Brasil, segundo o dicionário de verbete temático do CPDOC, após ser expulso de sua terra natal por ter publicado um desenho no qual a rainha Vitória (rainha da Inglaterra) recebia chineladas do general francês Paul Kringer.

A revista possuía em seu corpo editorial alguns dos principais chargistas do Brasil, tais quais José Carlos de Brito e Cunha conhecido como J. Carlos, o desenhista ítalo-brasileiro Angelo Agostini, Crispim do Amaral e Guimarães Passos o que possibilitou uma grande aceitação do público.

De acordo com Silva (2014, p.17)

[...] com suas sátiras políticas e com seu elevado padrão editorial e gráfico, o que favoreceu sua ampla aceitação e circulação na época, encaminhando algumas demandas do povo e salientando os impasses político-sociais de seu período.

A revista trazia em suas páginas crônicas, artigos, propagandas de diversos produtos, mensagens de seus leitores, bem como charges e caricaturas. Para Silva (2012, p. 3) “este periódico, junto com outros do mesmo gênero representou o desenvolvimento da imprensa ilustrada no início do século XX”, ficando conhecida pelo seu caráter crítico e satírico.

Segundo o dicionário de verbete temático do CPDOC o humor ácido de *O Malho* também gerou complicações para a revista. À

época da Revolução de 1930, a revista ilustrada se tornou oposição dos revoltosos da Aliança Liberal. Posteriormente, com a vitória de Vargas, *O Malho* foi empastelado e sua redação foi incendiada e fechada. Alguns meses depois, a revista voltou a circular, mas sem o mesmo vigor em suas críticas, vitimada pelos censores do Governo Vargas. Em 1954, a revista finaliza suas atividades.

De acordo com o dicionário de verbete temático do CPDOC, na capa de sua primeira edição (figura 1) é apresentada uma caricatura de um de seus fundadores, Crispim do Amaral, segurando um martelo e a bigorna. Também trazia os dizeres: “Semanário artístico e literário” mostrando assim a periodicidade da revista que era semanal e seu caráter artístico. À sua frente apareciam brochuras com palavras referentes aos temas em que a revista se atentaria como cultura, arte e política.

Geralmente a sua capa apresentava o ano, a data, número e uma charge colorida e mais elaborada do que as demais. Entre seus temas principais, figurava a situação política do Brasil, com ênfase na capital federal, costumes e cultura da época, e mensagens que eram enviadas por seus leitores.

Em seu texto inaugural (figura 2), seu fundador menciona que é de praxe que um jornal apresente ao leitor seu programa, mas sendo um iconoclasta de nascença, *O Malho* não possui um programa. De acordo com o redator, o periódico “começa por atacar e destruir a praxe”. Seu caráter crítico é apresentado na figura da bigorna “elle é o *Malho*; tudo que passar ao seu alcance será a bigorna. O povo rirá ao ver como se bate o ferro nesta oficina e só com isso ficaremos satisfeitos, com a tranquilla consciência de quem cumpre um alto dever social”. Para tal, apresenta como principal ferramenta o riso. “Pondo em contribuição todos os elementos do desenvolvimento do riso ainda que se riam uns á custa dos outros e nós á custa de todos, temos prestado ao homem que habita este canto do planeta, em particular, tão relevante serviço” (*O MALHO*, 1902, nº 01, p. 04).

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

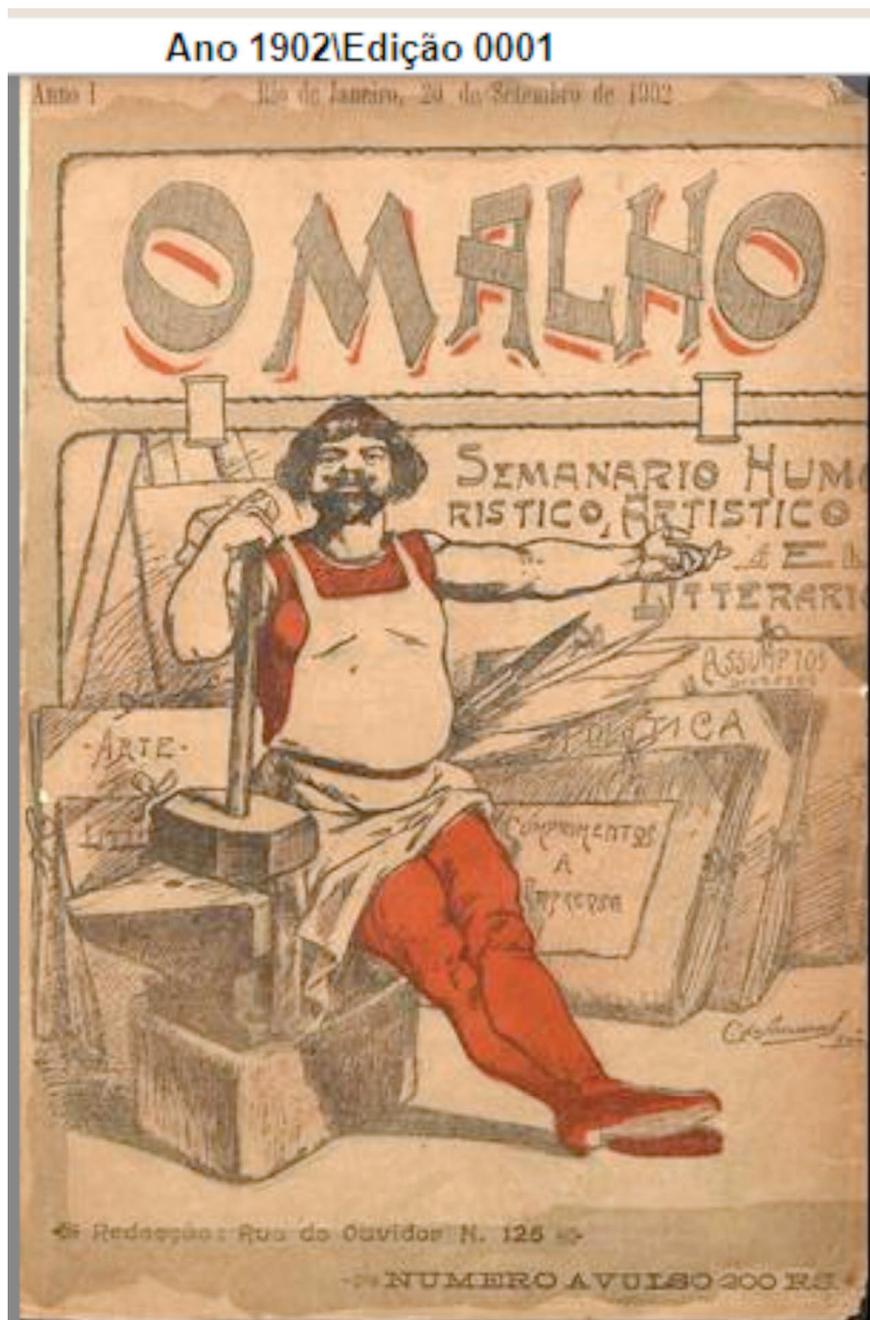


Figura 1: Capa da primeira edição
Fonte: Revista O Malho, 1902. Número 01



Figura 2: Texto inaugural
Fonte: Revista O Malho, 1902. Número 01

Como é possível perceber, embora a revista fosse dinâmica em seu conteúdo, a questão política era amplamente discutida. Havia uma seção em *O Malho* exclusiva para o assunto. Em relação a esses conteúdos, Silva (2014, p. 17) nos diz que “os conteúdos relacionados às instâncias de poder ficavam por conta de determinados

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

artigos, da seção *Chronica* e das inúmeras charges e caricaturas que ilustravam as páginas da revista”.

As questões políticas de maior repercussão também eram exploradas pelas charges que traziam em seu cerne as tomadas de decisão e ações do governo municipal, bem como as medidas e projetos do governo federal. Um exemplo disso foi a criação do Ministério da Agricultura por Nilo Peçanha, amplamente discutida pela revista.

A revista ainda se intitulava porta-voz da opinião pública. Assim, era comum encontrar em suas charges e caricaturas figuras que o representasse. Desta forma, Silva (2014 p.17) analisa que “comumente nos deparamos com as figuras do porteiro, do estivador, do jornaleiro e da lavadeira nas charges, ou seja [...] personagens com feições e portadoras de uma linguagem que dialogavam com sua realidade”.

Diante do exposto, a revista *O Malho* mostra-se importante ferramenta na pesquisa que visa estudar a questão racial e a construção da imagem de Nilo Peçanha frente à opinião pública no período de 1909 e 1910.

O conceito de raça e a ideologia de branqueamento no Brasil

Para que possamos entender a ideologia do branqueamento no Brasil, é necessário compreender o contexto do país. Por volta de 1865, o Brasil era um país católico, sendo esta a religião oficial. Ela era responsável pelo ensino primário e secundário e os não-católicos eram proibidos de dar característica de templo em seu local de culto.

Na esfera política, o clima era de conciliação entre os dois partidos emergidos na década de 1860: o Liberal e o Conservador. O partido Liberal lutava contra Portugal, a fim de garantir sua autonomia, enquanto o partido Conservador se enquadrava na ideologia absolutista. Embora seguissem ideologias diferentes, no início da década de 1860 os dois partidos haviam encontrado certo equilíbrio, fato que viria mudar em breve. De acordo com Skidmore (1976), nesse período:

Fora alcançado um equilíbrio entre as poderosas oligarquias rurais das províncias mais importantes (Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro) por um lado e o imperador por outro. Os próprios políticos reconheciam muitas vezes francamente essa falta de diferença ideológica (SKIDMORE, 1976, p. 21).

Neste ínterim, na literatura figurava a Geração Romântica, surgida no Brasil no final do século XVII, entre um pequeno grupo de escritores. Suas obras eram claramente influenciadas pela Europa, como é possível perceber no culto à natureza, característica do romantismo europeu.

Esses escritores acreditavam articular uma consciência nacional independente quando se punham a glorificar os esplendores naturais brasileiros. Vestidas em exuberantes hipérboles, as românticas evocações de brasilianismo serviram de manto literário às campanhas dos políticos antiportugueses (SKIDMORE, 1976, p. 22).

Esse movimento foi influenciado também por outro que já vinha se desenvolvendo no país: o indianismo. No decorrer dos anos seguintes à independência, o indianismo apareceu com grande força, no intuito de trazer um sentimento de nacionalidade: “Com a maturidade do romantismo literário, o índio tornou-se o símbolo das aspirações nacionais brasileiras” (SKIDMORE, 1976, p. 23). Em paralelo:

O negro aparecia, de regra, na literatura romântica em papéis-padrão, como “o escravo heróico”, “o escravo sofredor”, “a bela mulata”. O homem livre de cor, que existia em todos os níveis da sociedade brasileira, era conspicuamente ignorado pelos escritores românticos. (SKIDMORE, 1976, p. 23).

Em somatória, a Guerra do Paraguai (1865 – 1870) trouxe mudança no sentimento nacional, estimulando parte da elite brasileira a repensar o conceito de nação: “A inépcia do Brasil na mobilização inicial para a guerra levou muitos civis a acordarem para o atraso do país em áreas tão vitais como educação e transporte” (SKIDMORE, 1976, p. 24).

Durante a guerra, com a falta de homens livres para o serviço militar, o exército viu-se obrigado a recrutar escravizados, sendo-lhes dada, em retribuição, a alforria. Este ato possibilitou que muitos deles setornassem soldados profissionais depois da guerra. Esse fato, posteriormente, teve importante efeito. Durante os anos de 1887-1888, o exército ficou responsável pela captura de escravos fugidos, o que seria um contrassenso. Segundo Skidmore (1976), muitos oficiais reconheciam o valor de ex-escravos quando livres: “Tal anomalia, combinada com crescentes dúvidas quanto à legitimidade da escravatura, levou muitos desses militares a uma atitude receptiva às ideias abolicionistas e republicanas” (SKIDMORE, 1976, p. 24).

O Brasil da segunda metade do século XIX foi marcado por fortes mudanças. A hegemonia brasileira era minada pelos movimentos

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

abolicionista, republicano e anticlericalismo. Analisando este período, Skidmore (1976, p. 24-25) nos fala que:

A mudança já tomava também a estrutura social e econômica. A urbanização começava a produzir um grupo social separado do setor agrário. As diferenças de classe daí oriundas, embora fossem ainda mínimas ao fim do Império, e conquanto os laços econômicos, políticos e familiares entre a cidade e o campo continuassem estreitos, a mudança estava no ar. Muitos moços estavam preparados, na década de 70, para desafiar a cultura herdada e o sistema político estabelecido. Alguns foram logo envolvidos e absolvidos pela estrutura do Império, mas outros continuaram a criticá-lo. Numerosos desses jovens provinham das fazendas paternas. Outros, vinham diretamente de meios urbanos. Por volta da década de 80, tinham sido colhidos todos pelas marés convergentes do abolicionismo, do anticlericalismo e do movimento republicano (SKIDMORE, 1976, p. 24-25).

Em meio a essas mudanças de mentalidade da sociedade, o movimento abolicionista se fortalece e ganha apoio do exterior. Em 1866, um grupo de abolicionistas franceses pediu ao imperador que acabasse com a escravidão no Brasil. Como resposta, D. Pedro II se comprometeu que assim que encerrasse a Guerra do Paraguai consideraria a discussão sobre o fim da escravatura como “objeto de primeira importância”.

Desde o começo, os abolicionistas brasileiros deveram muito à opinião estrangeira. O tráfico de africanos só terminara, depois de três décadas de pressão britânica com um virtual bloqueio pela Royal Navy em 1850. E fora o apelo de 1866 dos intelectuais franceses que provocara a primeira promessa formal do governo de fazer a abolição. Na realidade, muitos dos representantes da nova geração confessavam que fora a censura estrangeira ao Brasil que os galvanizara para a ação (SKIDMORE, 1976, p. 35).

Com o fim da escravatura, surge a necessidade de uma reorganização da sociedade brasileira. A vinda de imigrantes para substituir os escravos libertos e a superpopulação nas cidades, provocada pela libertação, marcavam a desorganização da sociedade. Neste contexto, embora os estudos raciais tivessem chegados ao Brasil a partir de 1870, eles se aprofundam neste momento.

Para que possamos entender tal contexto em construção no Brasil, é necessário que compreendamos o conceito de raça e os estudos que surgem em relação a ela. De maneira geral, conceituamos raça como um agrupamento de indivíduos que possuem características em comum. O branco de pele clara e cabelos lisos, o negro de pele escura e cabelos crespos são exemplos de supostas raças distintas. O antropólogo culturalista Franz Boas, em *Antropologia cultural*, nos chama a atenção para o fato de que:

Estamos aptos a construir tipos ideais locais baseados em nossa experiência cotidiana, abstraídos a partir de uma combinação de formas mais frequentemente vistas numa dada localidade, e nos esquecemos de que há inúmeros indivíduos para os quais essa descrição não é verdadeira (BOAS, 1931 p. 69).

Ao tratar deste tema, a historiadora Nancy Stepan aponta que a definição de raça não é necessariamente dada pela natureza, mas sim historicamente construída de forma distinta em diferentes períodos históricos. Ainda segundo a mesma autora, “[...] as distinções raciais não são perpétuas, mas foram constantemente renegociadas e experimentadas de diversas formas nos distintos períodos históricos” (STEPAN, 2005, p. 19). Esta concepção vai ao encontro do que diz Lilia Schwarcz. Para a autora (1998, p. 177), o termo “raça” nunca foi um conceito neutro, mas associou-se com frequência a uma imagem particular do país. Ainda segundo a mesma autora, o conceito “raça” surge no século XVI e suas teorias em meados do século XVIII. “Raça é, pois, uma construção histórica e social, matéria-prima para o discurso das nacionalidades” (SCHWARCZ, 1998, p. 183-184).

Com o fim da escravidão, o negro deixa de ser escravo e passa a ter outro papel na nova sociedade que surge. Segundo Florestan Fernandes (2007, p. 66), “a Abolição não afetou, apenas, a situação do escravo. Ela também afetou a situação do ‘homem livre de cor’. Na verdade, a Abolição constitui um episódio decisivo de uma revolução social feita pelo branco e para o branco”.

No entanto, o negro nesta nova sociedade é relegado à mais baixa classe da população. Neste ínterim, torna-se vítima duplamente: pela sua posição e pela sua condição racial. De acordo com Fernandes (2007):

Por trás da estrutura social da ordem social escravocrata e senhorial, o “escravo” e o “negro” eram dois elementos paralelos. Eliminando o “escravo” pela mudança social, o “negro” se converteu num resíduo racial. Perdeu a condição social que adquirira no regime da escravidão e foi relegado, como “negro”, à categoria mais baixa “população pobre”, no momento exato em que alguns dos seus setores partilhavam das oportunidades franqueadas pelo trabalho livre e pela constituição de uma nova classe operária assalariada. Desta maneira, o negro foi vítima da sua posição e da sua condição racial. Encetou, com os próprios meios, o processo pelo qual poderia ser metamorfoseado de “negro” num novo ser social (FERNANDES, 2007, p. 97).

Diante do exposto, podemos concluir que, como diz Schwarcz (1998, p. 185), “a escravidão, em primeiro lugar, legitimou a inferioridade e, enquanto durou, inibiu qualquer discussão sobre cidadania

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

nia”. É neste íterim que se intensificam as teorias científicas sobre raças no Brasil. Vale salientar que neste período:

A ciência é vista como uma força produtiva que gera conhecimento e práticas que conformam o mundo em que vivemos. [...] A ciência tem imensa autoridade social no mundo moderno – uma autoridade baseada em sua reivindicação de factualidade, neutralidade e universalidade (STEPAN, 2005, p.17).

Desta forma, nos explica Schwarcz (1998)

Tendo por fundamento uma ciência positiva e determinista, pretendia-se explicar com objetividade – valendo-se da mensuração de cérebros e da aferição das características físicas – uma suposta diferença entre os grupos. A “raça” era introduzida, assim, com base nos dados da biologia da época e privilegiava a definição dos grupos segundo seu fenótipo, o que eliminava a possibilidade de se pensar no indivíduo e no próprio exercício da cidadania (SCHWARCZ, 1998, p. 186).

Buscando construir um novo país, progressista e moderno, a ideia de que o negro era inferior passou a se tornar um grande problema. Como construir um país de progresso com a população de maioria negra? A solução encontrada foi a de embranquecer o país, seja pela miscigenação ou pela imigração europeia.

O negro era, portanto, visto como inferior e representaria o atraso da nação rumo às civilizações avançadas. Diante deste dilema, adotou-se a política do “quanto mais branco melhor”, apostando que a miscigenação iria embranquecer a população brasileira. Assim sendo, houve grande incentivo da vinda de imigrantes europeus para o Brasil.

Segundo Schwarcz (1998):

Assim o processo de abolição brasileiro carregava consigo algumas singularidades. Em primeiro lugar, a crença enraizada de que o futuro levaria a uma nação branca. Em segundo, o alívio decorrente de uma libertação que se fez sem lutas nem conflitos e sobretudo evitou distinções legais baseadas na raça (SCHWARCZ, 1998, p.187).

A tese do branqueamento defendia, por meio de ideias científicas, a necessidade de embranquecimento da população para que pudesse evoluir, salvo que o negro e o mestiço eram considerados raças inferiores. Para Santos (2002, p. 90), “a tese do branqueamento argumentava que o Brasil era um país racialmente viável pelo fato de sua população estar no caminho de vir a se constituir em uma ‘raça branca’”.

Esse pensamento não se restringiu apenas ao campo científico, mas se difundiu na mentalidade da sociedade brasileira. Dizeres, imagens, anedotas referindo-se à “inferioridade” dos negros eram expressos e difundidos na sociedade.

Em sua obra intitulada “*O negro no mundo dos brancos*”, Florestan Fernandes (2007) analisa diversas quadrinhas que retratam o pensamento popular referente às diversas características da população negra como o porte físico, a capacidade de trabalho, o intelectual e até seu surgimento sendo retratado como “filho do Diabo”. Referente à resistência física do negro, o autor traz a seguinte quadrinha:

“o negro é burro de carga (Brás)
O branco é inteligente;
O branco só não trabalha,
Porque preto não é gente.” (FERNANDES, 2007, p. 232)

Em relação à posição social do negro e do branco, Florestan Fernandes traz a seguinte quadrinha popular:

“Branco nasceu para o mando (Belém)
O negro pra trabalhar
Quando o negro não trabalha
Do branco deve apanhar”. (FERNANDES, 2007, p. 234)

Referente a essa quadrinha, Fernandes (2007, p. 234) comenta que “a posição do preto e do branco, na escala social brasileira, estaria conforme ao sistema de castas [...] e a quadrinha ainda implica a manutenção da organização social pelo castigo [...] como no tempo da escravidão”. Como é possível perceber, na sociedade brasileira havia uma hierarquização em relação a pretos e brancos. E acreditava-se que essa organização deveria ser mantida, se necessário, pelo castigo físico.

Diante do exposto, fica evidente que a proposta de branqueamento, fundamentada pelas teorias científicas que viam os negros como seres inferiores aos brancos ditavam as regras da sociedade. No entanto, em 1906 é eleito vice-presidente da República Nilo Peçanha, o qual viria a ser em 1909 o primeiro presidente negro do Brasil.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

A presidência de Nilo Peçanha e a construção de sua imagem na revista *O Malho*

Abolicionista e republicano, Nilo Peçanha nasceu em 1867 na cidade de Campos dos Goytacazes, no estado do Rio de Janeiro. Era filho de Sebastião de Souza Peçanha e de Joaquina Anália de Sá Freire. Embora descendente de família nobre do norte fluminense, viviam de maneira humilde em uma pequena propriedade de seu pai no atual distrito de Morro do Coco, mudando-se anos depois para a capital do estado.

Seus pais olhavam com grande interesse a educação do filho. De acordo com Celso Peçanha (1989, p. 28), seus pais “[...] desejavam para ele um futuro diferente: um anel, um diploma, o bacharelato. O sonho que o homem do campo, no Brasil, sempre alimenta para seus filhos”. Desta forma, Nilo Peçanha concluiu o primário e secundário em Campos e Niterói, respectivamente. Viajou para São Paulo e posteriormente foi a Recife, onde se formou em direito pela Faculdade de Direito de Recife.

Partiu, a princípio, para São Paulo e, em seguida, para Recife, onde cursaria a Faculdade de Direito, de gloriosas tradições na luta pela emancipação dos escravos e pela República; e lá formou um grupo republicano “dando trabalho aos conservadores”, segundo carta de 19 de novembro de 1887, enviada a seu pai (PEÇANHA, 1989, p. 32).

É neste contexto “dos anseios revolucionários, da poesia social, engajada na luta pela abolição da escravatura e, mais tarde, pela proclamação da República [...]” (PEÇANHA, 1989, p. 32) que Nilo Peçanha se engaja na luta contra a escravidão e o fim do período imperial. Com o objetivo de defender os interesses da classe social de que vinha, a pequena burguesia.

Desde jovem, Nilo Peçanha já oferecia indícios de sua popularidade sendo eleito para a Assembleia Constituinte em 1890. É neste período que Nilo começa elaborar seu corpo de ideias que durante sua vida política se tornaria sua doutrina político-administrativa, evoluindo “[...] do liberalismo romântico dos primeiros anos, para uma compreensão mais profunda dos problemas econômicos e sociais e das necessidades históricas do Brasil” (PEÇANHA, 1989, p. 51).

Nilo Peçanha casa-se em 6 de dezembro de 1895 com Anita Belisário, filha do advogado João Belizário Soares e neta do conselheiro do Império Bernardo Belizário Soares. Embora tenha sido um político influente na época, a família de sua esposa nunca o aceitou, fato que causou incômodo para Anita.

A família de Anita nunca aceitou o fato dela casar-se com um “mulato” e pobre, embora um político de renome no Estado do Rio, pois elegera-se em 1890, aos 21 anos de idade, para a Constituinte. Outro fato inaceitável para a família de aristocratas era o de Nilo Peçanha ter sido abolicionista (GOYTACAZES, 2016, p. 7).

Aos 35 anos, em 1903 é eleito sucessivamente senador e presidente do estado do Rio de Janeiro, com a missão de reestabelecer o estado que se encontrava falido e cheio de dívidas. Cargo em que permanece até 1906, ano em que é eleito vice-presidente da República na chapa de Afonso Pena.

A candidatura de Afonso Pena foi marcada pela forte crise política de 1905. Sendo ele vice do presidente Rodrigues Alves devido ao falecimento de Silvano Brandão, Afonso Pena era desde 1904 cogitado a ser seu sucessor. No entanto, o indicado foi Bernardino de Campos. Indicação não aceita pelo Partido Republicano Mineiro. Segundo Carone (1971):

Esta candidatura tem grande dificuldade em conseguir o apoio das forças políticas mineiras, pois, os grupos de Francisco Sales, Bias Fortes e outros, divergem na indicação do candidato a ser apresentado por Minas, até que, finalmente, a escolha recai sobre Afonso Pena, como solução conciliatória (CARONE, 1971, p. 219).

O que possibilita essa candidatura no plano nacional são os impasses das demais candidaturas. Com a desistência de Bernardino de Campos, Rui Barbosa e Campos Sales, é lançada oficialmente a chapa Afonso Pena e Nilo Peçanha, presidente e vice-presidente respectivamente. São Paulo adere a candidatura e em seguida:

A Federação de Borges de Medeiros os apóia em agosto; em 1º de setembro, um Manifesto Político à Nação, contendo 150 assinaturas de líderes políticos, confirma a adesão da maior parte dos Estados [...]. Só os Estados de Pernambuco, Paraíba do Norte e Maranhão, além da dissidência paulista, discordam (CARONE, 1971, p. 219-220).

Com o apoio da maioria dos líderes políticos, a chapa Afonso Pena-Nilo Peçanha sai vitoriosa no pleito de 1906. Seu governo é marcado pela prioridade aos problemas econômicos do país, tendo os primeiros resultados nos anos de 1907 e 1908, com a estabilização da moeda. Outro fator importante é discutido em sua gestão, “pela primeira vez, surge um tema que vai levantar celeuma nacional: a reorganização do exército” (CARONE, 1971, p. 227).

Afonso Pena não termina seu mandato, vindo a falecer em 1909 vítima de Pneumonia. Com isso, o cargo de Presidente da Re-

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

pública é assumido por seu vice Nilo Peçanha até novembro de 1910.

A posse Nilo Peçanha é vastamente repercutida na imprensa nacional. O periódico *O Malho* traz em seu número 353 de junho de 1909 o perfil do novo presidente da República. Em seu texto biográfico (figura 3) apresenta os principais marcos da vida do novo presidente, tais quais, sua formação na Faculdade de Direito de Recife, sua luta abolicionista e sua eleição a constituinte.

O texto ainda nos relata a vida política de Nilo Peçanha citando sua eleição para senador federal e presidente do estado do Rio de Janeiro e sua chegada à vice-presidência e a presidência da República. Por fim fala das expectativas para o novo governo. No entanto, em momento algum o texto faz menção à questão racial do presidente.



Figura 3: Texto biográfico sobre Nilo Peçanha ao assumir a presidência da República
Fonte: Revista *O Malho*, 1909. Número 353, p. 04

Ao assumir a presidência da República, Nilo Peçanha promete um governo de “paz e amor”. O lema é lembrado pelo periódico em seu número 353 de 1909. Na seção “Chronica”, assinada por J. Boco, o cronista escreve “O sr. Nilo Peçanha, que subiu à presidência da República, neste momento doloroso da sua vida, saberá, estamos certos, praticar o governo de paz e amor, de que falou [...]” (*O MALHO*, 1909, nº 353, p. 04).

Embora seu governo tenha sido breve, o cenário enfrentado por Nilo Peçanha era conflituoso. Com a proximidade das eleições presidenciais de 1910, os partidos políticos já se preparavam para a escolha de seus candidatos. A revista *O Malho* trata o período como sendo de anarquia (Figura 4).

Na charge intitulada “Peão Campista” Nilo Peçanha aparece montado em um cavalo selvagem que tem a inscrição “Anarchia” em seu pescoço. Abaixo do título há uma pequena legenda com os dizeres “Com a ascensão do Dr. Nilo Peçanha à cadeira presidencial abrandaram e quasi desapareceram os symptomas de anarchia política que vinham perturbando a vida nacional”.

A charge traz a visão da revista do momento em que Nilo assume a presidência. O cenário era de anarquia política, pela primeira vez em sua história um presidente da República não termina seu mandato e um vice-presidente assume o cargo. Soma-se a isso a próxima eleição presidencial que viria acontecer no ano seguinte. Embora o cenário seja conflituoso, a charge considera que o presidente poderia ser capaz de enfrentar a situação e “domar” os problemas brasileiros.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.



Figura 4: Charge intitulada Peão Campista
Fonte: Revista *O Malho*, 1909. Número 354, p. 23.

De acordo com Carone (1971):

Apesar de certas medidas administrativas eficazes, e da intenção de fazer um governo cujo lema fosse “paz e amor”, seu período é breve no tempo, mas intensamente conflituoso: seja pela campanha civilista e suas conseqüências, seja pelas divergências com Pinheiro Machado, ou pelas questões estaduais, que se complicam (CARONE, 1971, p. 245).

Ainda segundo Carone (1971), a intenção do novo presidente é romper com os elementos do governo anterior. Para isso, renova todo o Ministério, com exceção de Alexandrino de Alencar, da Marinha, e do Rio Branco, do exterior. Além disso, foi criado um novo ministério: o da Agricultura e Comercio, ocupado pelo engenheiro Cândido Rodrigues.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

No que tange à escolha dos novos ministros, a revista apresenta na capa de sua edição de número 354 de junho de 1909 (Figura 5) uma charge, que nos mostra o presidente e seus ministros a bordo do barco em que está a República, representada por uma mulher, segurando o mastro com a bandeira do Brasil.

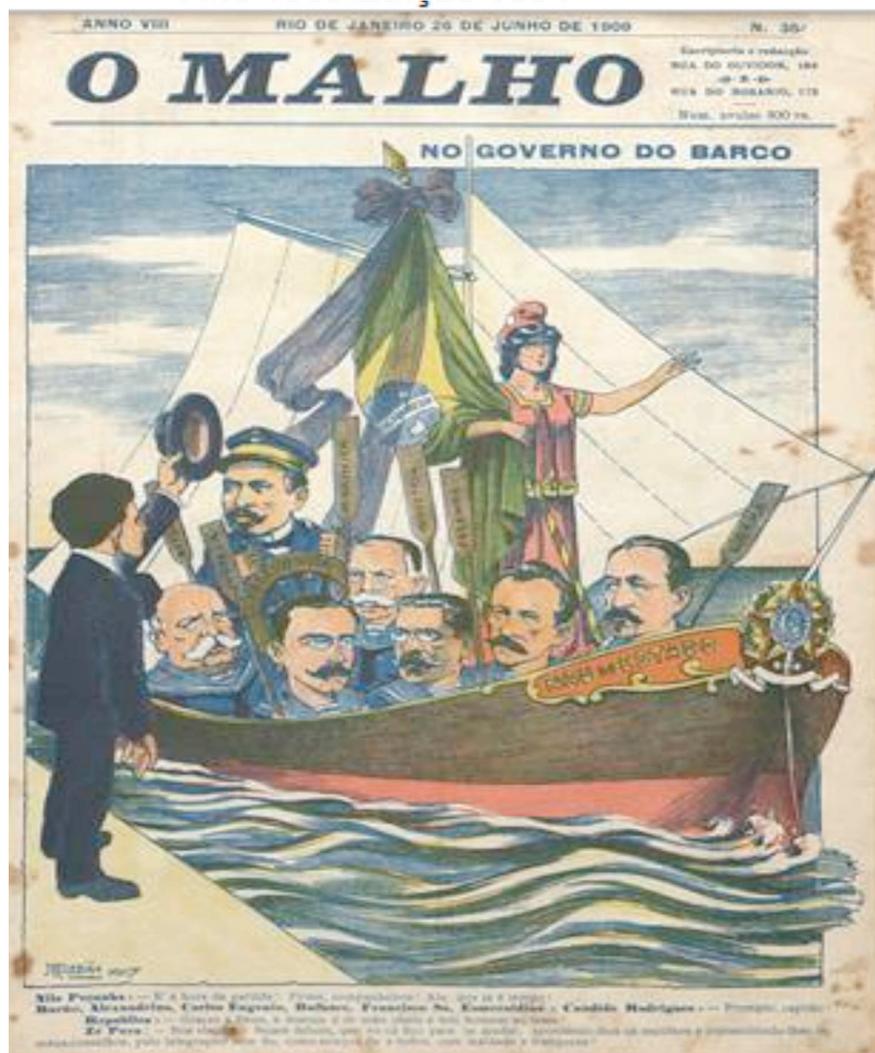


Figura 5: No governo do barco
Fonte: *O Malho*, 1909. Número 354, capa.

A figura de Nilo é apresentada como o capitão do barco, ou seja, aquele que guia, mostrando-se animado, como é possível perceber pela fala apresentada abaixo da figura. Há também um breve elogio, este apresentado na fala da personagem República que diz: “Graças a Deus, a maruja é de mão cheia e tem homem ao leme”. O

que nos indica a aprovação por parte da revista em relação às escolhas do novo presidente para os ministérios.

Os elogios ao presidente não se detiveram apenas a charge. Na seção “Chronica”, o autor avalia como acertadas as escolhas de Nilo tanto para os ministérios quanto para a criação do Ministério da Agricultura. Em suas palavras:

Sem favor, e com inteira justiça, pôde-se considerar boa política aquella que os actos do novo presidente da República demonstraram, já escolhendo com muito acerto os quatro ministros substitutos dos que houveram por bem não continuar a prestar os seus serviços à causa pública, já creando o utilíssimo e legalmente autorizado Ministério da Agricultura e nomeando titular dessa nova pasta um emérito especialista de comprovado valor [...] (*O MALHO*, 1909, nº 354, p. 04).

Para Carone (1971), a escolha dos novos ministros foi um ato de partidarismo a favor da candidatura do militar Hermes da Fonseca. No entender do autor, Nilo Peçanha apoia Hermes da Fonseca para a presidência da República.

No entanto, essa visão apresentada pelo autor diverge da imagem construída pela revista, que mostra Nilo Peçanha como sendo neutro na campanha presidencial. Na Crônica do número 354, o autor nos fala que

[...] o Sr. Nilo Peçanha deu provas de estar animado do desejo sadio de fazer tecnicamente falando, um governo forte e seguro, ao mesmo tempo imparcial e conciliador, pela expressão política das suas unidades [...]. A declaração de neutralidade na luta que vem travada a proposito das candidaturas foi outro acto acertadíssimo (*O MALHO*, 1909, nº 354, p. 04) (GRIFO NOSSO).

Com a aproximação do ano eleitoral, a crise sucessória intensifica-se. As discussões na Câmara são acirradas. Nas páginas da revista, a situação é tratada como “greve dos deputados”, seguida de duras críticas aos parlamentares. Segundo seus editores, a Câmara não discutia mais assuntos importantes para o país como a questão orçamentária, limitando as reuniões a negociatas partidárias.

Em seu número 355, de julho de 1909, a revista traz uma charge com o título “A pior greve”, retratando a “greve” dos deputados. O termo greve utilizado é uma figura de linguagem na qual o autor busca, de maneira irônica, relatar as reuniões em que as discussões focam apenas a eleição de 1910.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

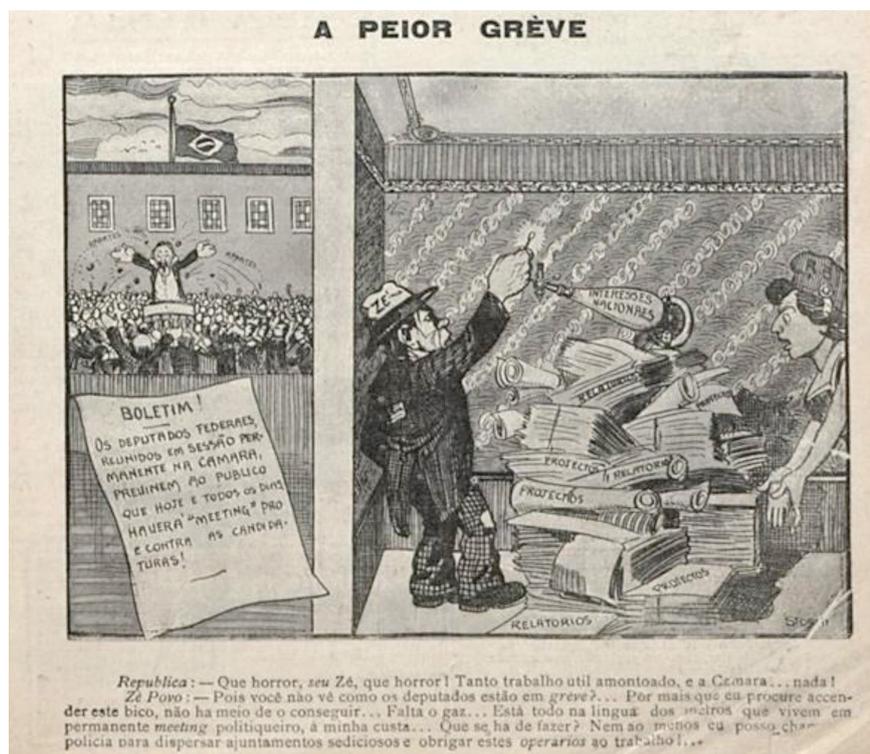


Figura 6: A pior crise
Fonte: *O Malho*, 1909. Número 355, p. 03

Em meio a todas essas disputas aparece a imagem de Nilo Peçanha, retratada na revista como sendo alguém preocupado com o futuro do país e que não participa da “politicagem” eleitoral. Em seu número 379 de dezembro de 1909 (Figura 7), Nilo é retratado conversando uma mulher que usava um vestido escrito “politicagem” que estava tentando seduzi-lo. Em sua fala, a mulher o chama de “insensível” igual a um “bloco de gelo”, mas que iria tentar um novo olhar. Nilo em contrapartida lhe responde que “é muito feia”.

Desta forma, a revista nos passa a imagem de Nilo como sendo um homem que não se envolve com “politicagem”, que pratica a boa política e que se preocupa com o futuro do Brasil. Não se envolvendo com a questão eleitoral diretamente.



Figura 7: Idyllo Barrado
Fonte: *O Malho*, 1909. Número 379, p. 28

As disputas eleitorais acirram-se. Explodem em quase todo o território nacional movimentos pró e contrários à candidatura de Hermes da Fonseca. Rui Barbosa e a Campanha Civilista, segundo Hélio Silva (1983), representam o primeiro esforço da democracia republicana, procurando o povo e debatendo seu programa político, forçando seu adversário a fazer o mesmo.

Ainda segundo Silva (1983), Rui Barbosa não se insurge contra a recusa de sua candidatura, mas contra o sistema que fraudava a mais importante das escolhas. Com os movimentos que surgem,

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

a neutralidade de Nilo Peçanha é colocada em dúvida. De acordo com o autor, “Nilo está entre dois fogos. Forçam-no, em contradição imperdoável, a que proceda como o antecessor. Não, não o fará. Por que incidir no mesmo erro de Pena? Na qualidade de primeiro magistrado da Nação seria juiz imparcial” (SILVA, 1983, p. 78).

Este dilema também foi retratado na revista *O Malho*. Em seu número 372 de outubro de 1909 (Figura 8), após retratar um movimento ocorrido no estado do Rio de Janeiro, a revista mostra Nilo Peçanha entre duas facas que representam as duas candidaturas e incentiva o presidente a manter sua neutralidade em relação às eleições presidenciais.



Figura 8: A linha neutral
Fonte: *O Malho*, 1909. Número 372, p. 09.

Embora houvesse ataques e desconfianças durante todo o período eleitoral, Nilo Peçanha buscou animar o povo para a campanha. Objetivava a eleição do próximo presidente do país de forma democrática.

Sua conduta durante a refrega civilista, foi exemplar. Oprimido pelos termos ultrajantes de Rui e seus seguidores, jamais se exaspe-

rou. Aos insultos verbais, acudia com atos de limpidez democrática. Não permitiu que fosse restringido o direito da propaganda, como lhe propunham os hermistas exaltados. Nos comícios, compareciam policiais zelosos, para a garantia da manifestação de pensamento. Ao menor abuso de um subordinado, exonerava-o. A imprensa, acobertada de qualquer atentado, nunca foi tão livre (SILVA, 1983, p. 82).

Com um governo conturbado, Nilo Peçanha chega ao termino de seu mandato aplaudido. Mesmo com o desgaste causado pelos ataques partidários devido à campanha política, sua gestão é avaliada como positiva tanto pela população como por seus pares (SILVA, 1983).

Em seu número 424, de outubro de 1910 (figura 9), a revista, de forma humorada, coloca em sua capa a despedida de Nilo Peçanha da presidência da República. Na charge, Nilo confessa ao personagem Zé Povo que estar na presidência da República é estar no verdadeiro inferno, fazendo menção aos ataques sofridos durante seu mandato.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

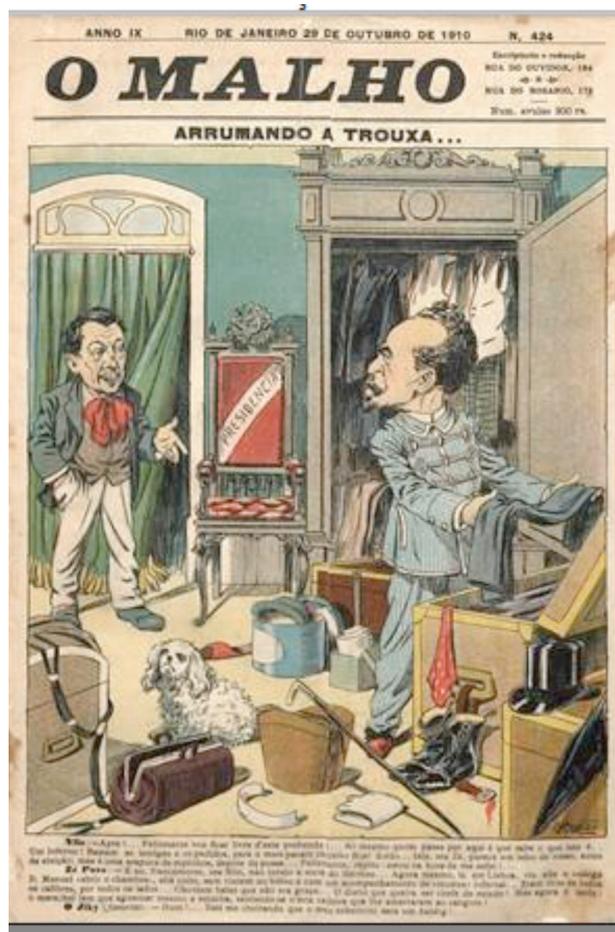


Figura 9: Arrumando a trouxa...

Fonte: Revista *O Malho*, 1910. Número 424, capa.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

Em suma, a revista durante todo o período analisado construiu uma imagem positiva de Nilo como sendo uma pessoa íntegra, que não participa de “politicagem” e que incentivou uma campanha eleitoral democrática. A revista ainda o mostrou como próximo ao povo ao retratar em suas páginas charges em que aparece caminhando pela praça ou mesmo conversando com a população. No entanto, não é mencionada a questão racial do presidente.

Durante o período analisado, entre os anos de 1909 e 1910 não foi encontrado nenhum fragmento que discutisse a cor de pele do presidente. Um pequeno trecho que menciona um breve comentário foi encontrado durante a campanha eleitoral em 1906.

Em uma das colunas da revista intitulada “Respostas de sabe-tudo” em seu número 177 de fevereiro de 1906 (Figura 10) ao responder a uma leitora de Campos, a revista traça o perfil de Nilo como sendo um rapaz moreno de cabelos negros e com confiança no futuro. O texto continua falando de sua capacidade política: “Quanto à feição política tem a de quem muito confia no futuro, si no presente se tratar de resolver os problemas administrativos, no terreno prático, de preferência”. E encerra indagando a leitora: “Mas por que tanta curiosidade?”

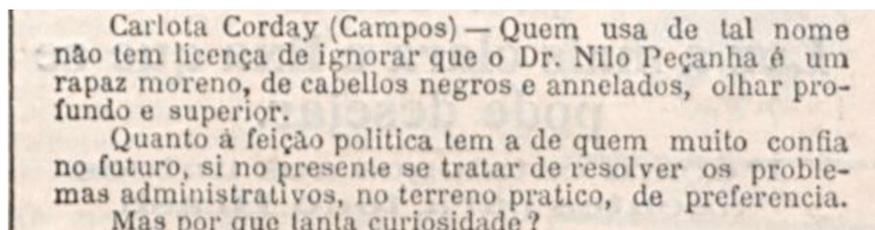


Figura 10: Coluna “Respostas de sabe-tudo”
Fonte: Revista *O Malho*, 1906. Número 177, p. 53.

Com esta indagação ao final, o texto nos dá a entender que falar da questão racial de um membro da política brasileira era algo desconfortável. Após a subida de Nilo à presidência, a revista não faz referência à questão racial do presidente. Isso ocorre pelo fato do racismo no Brasil não se referir apenas à cor da pele, mas também à questão social do indivíduo.

“Preto rico no Brasil é branco, assim como branco pobre é preto”, diz o dito popular. Não se “preconceitua” um vereador negro, a menos que não se saiba que é um vereador; só se discrimina um estrangeiro igualmente negro enquanto sua condição estiver pouco especificada (SCHWARCZ, 1998, p. 182).

Diante do exposto, podemos concluir que a questão social do indivíduo pesava na hierarquização da sociedade. O saber ler e escrever, ser de uma família de renome, ter boa condição financeira eram características que eram levadas em consideração na hierarquização social.

Segundo Schwarcz (1998, p. 205), essa hierarquização introduzia gradações de prestígio com base em critérios como classe social, educação formal e origem familiar. Como especificado, o preconceito no Brasil era privado e relacionado à classe social do indivíduo.

Considerações finais

O Brasil é conhecido em todo o mundo por sua mistura de povos. No entanto, também é marcado pelos preconceitos raciais. Durante a pesquisa foi traçada uma breve discussão sobre as teorias racistas e a ideologia de branqueamento da população brasileira. Ideologia esta que previa a extinção dos traços da cultura negra em até cem anos.

A discussão centrou-se na figura de Nilo Peçanha e a construção de sua imagem na revista *O Malho*, periódico de grande circulação no Rio de Janeiro, capital federal na época. O objetivo era refletir sobre a subida de um mulato à presidência da República em uma época em que vigora os estudos sobre raças e entende-se o branco como sendo um “ser superior”.

Durante as análises, constatamos que a revista construiu uma imagem positiva do presidente. O periódico o retratou em suas páginas como um homem competente e preparado para ocupar tal cargo. Honesto e que não participava de “politicagens”. Era mostrado como próximo à população e em suas crônicas o presidente sempre era elogiado. No entanto, sua questão racial era ocultada. Mas por quê?

A resposta se deu ao analisar o conceito de racismo no Brasil. O preconceito brasileiro possui algumas especificidades. Ele não leva em consideração apenas a cor da pele do indivíduo, mas também suas características financeiras e sociais. Ter educação formal, ser membro de uma família ilustre, ter boa condição econômica são características levadas em consideração.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

Diante do exposto, podemos concluir que o racismo e o preconceito no Brasil estão diretamente atrelados à condição socioeconômica do indivíduo, o que nos marca até os dias atuais. As piadas sobre o homem do sertão, a invisibilidade do morador de rua, o des-caso com o menor abandonado são resquícios de um país que ainda não superou seus preconceitos.

Fontes

Revista *O Malho*, 20 set. 1902, número 1, ano I, capa.

Revista *O Malho*, 20 set. 1902, número 1, ano I, página 04.

Revista *O Malho*, 19 jun. 1909, número 353, ano VIII, página 04.

Revista *O Malho*, 26 jun. 1909, número 354, ano VIII, página 23.

Revista *O Malho*, 26 jun. 1909, número 354, ano VIII, capa.

Revista *O Malho*, 03 jul. 1909, número 355, ano VIII, página 03.

Revista *O malho*, 18 dez. 1909, número 379, ano VIII, página 28.

Revista *O Malho*, 30 out. 1909, número 372, ano VIII, página 09.

Revista *O Malho*, 29 out. 1910, número 424, ano IX, capa.

Revista *O Malho*, 03 fev. 1906, número 177, ano V, página 53.

Referências

BOAS, F. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Nilo Peçanha**: o homem, o político. Campos dos Goytacazes/RJ. 2016. Disponível em: < <http://www.camaracampos.rj.gov.br/livretonilo.pdf> >.

CARONE, E. **A República Velha**: evolução política. São Paulo: Difusão européia do livro, 1971.

DEPUTADO Laerte Bessa sugere aborto de bebês com “tendências criminosas”. **Correio Braziliense**. 22 jul 2015. Política. Disponível em:< https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2015/07/22/interna_politica,491473/deputado-laerte-bessa-sugere-aborto-de-bebes-com-tendencias-criminosa.shtml>..

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo. Global. 2ª Ed. 2007.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. Verbete bibliográfico: **O Malho**. Dicionário histórico-biográfico brasileiro. Fundação Getúlio Vargas: on-line, obtido em Nov. 2017. Disponível em:< <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/malho-o>>.

GANTÚS, F. Caricatura y prensa, una reflexión em torno a las imágenes y su importância em la investigación histórica. El caso mexicano, siglos XIX-XX. **Domínios da Imagem**, Lodrina, ano V, n. 10, p. 73-88, maio 2012. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/dominiosdaimagem/article/view/23448>>.

HOFBAUER, A. O conceito de ‘raça’ e o ideário do ‘branqueamento’ no século XIX – Bases ideológicas do racismo brasileiro. **Teoria & Pesquisa**, São Carlos, vol. 1, n. 42, p. 63-110, jan./jul. 2003.

IBGE. **Cor ou raça (Brasil 2015)**. Disponível em:< <https://teen.ibge.gov.br/sobre-o-brasil/populacao/cor-ou-raca.html>>.

SALIBA, E. T. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, R. V. Mestiçagem, Degeneração e a Viabilidade de uma Nação: debates em antropologia física no Brasil (1870-1930). In: MAIO, M. C; SANTOS, R. V. (orgs.). **Raça como questão**: história ciência e identidades no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

MARIA, Fábio Genésio dos Santos. *O presidente negro? Uma discussão racial e política a partir da construção da imagem de Nilo Peçanha em O Malho (1909 – 1910)*. Mimesis, Bauru, v. 40, n. 1, p. 129-158, 2019.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In. SCHWARCZ, L. M. (Org.) **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia. das Letras, p. 173-244, 1998.

SKIDMORE, T. E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1976.

SILVA, L. F. P. **O povo no imaginário dos letrados**: as representações dos setores populares nas páginas da revista O Malho (1904 – 1908). 2014. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora. 2014.

_____ Rui Barbosa e a Campanha Civilista nas caricaturas da revista O Malho. **ANPUH-MG**. Mariana/MG. 2012.

SILVA, H. **Afonso Pena**: Presidente do Brasil (1906 – 1909). São Paulo: Grupo de comunicação Três. 1983.

STEPAN, N. L. **A Hora da Eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

